

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

O CRISTIANISMO É UM SÓ E É EXIGENTE

Escreveu um dia Peguy, o famoso escritor francês, está admirável tirada sobre a lealdade:

«A lealdade consiste em tratar os adversários e inimigos como homens, em respeitar a sua pessoa moral, em respeitar, no nosso procedimento para com eles, as obrigações da lei moral, e em conservar, no mais acedo do combate e na maior animosidade da luta, a dignidade, a probidade, a justiça, a lealdade, permanecendo sempre honesto, não mentindo nunca».

Respeitar como homens os nossos adversários!

Cristo ensinou bastante mais, porque exigiu dos cristãos o amor pelos inimigos, o perdão das ofensas, e, por cima ainda de tudo isto, a generosidade suprema de fazer bem àqueles que nos fizeram mal.

Este dever cristão não só de respeitar, mas também de amar os inimigos exprime-o S. Paulo nestas vigorosas palavras: «Se o teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer; se tem sede, dá-lhe de beber, porque fazendo isto, amontoarás carvões em brasa sobre a sua cabeça: não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem».

E Santo Agostinho comentava: «Ama os teus inimigos, não porque são inimigos, mas para que deixem de o ser, porque são teus irmãos».

O cristão não tem por onde escolher. Ou cumpre o dever de amar a todos os homens, incluindo os inimigos, respeitando neles a sua qualidade de irmãos, ou então comete uma grande hipocrisia chamando-se cristão.

Um cristão é muito fácil de conhecer. Foi o próprio Cristo quem ensinou a distingui-lo: «Nisto conhecerão todos se sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros». Ao que S. João acrescentou, para que não restassem dúvidas: «Se alguém diz que ama a Deus odiando o seu irmão, esse alguém é um mentiroso». Com efeito como pode amar a Deus a quem não vê, aquele que não ama o seu irmão a quem vê? É que nós recebemos de Deus este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também o seu irmão».

O Cristianismo não tem duas caras, nem se adapta a nenhuma camuflagem. S. Tiago explica-o bem quando esclarece: «Não digais mal uns dos outros, irmãos; o que diz mal do seu irmão ou que julga o seu irmão, diz mal da lei e julga a lei; e se julgas a lei não és cumpridor da lei mas seu juiz».

S. João não receia tirar as necessárias conclusões deste

(Continua na 2.ª página)

TRÊS NOMES... TRÊS ATITUDES

Encarando a condição dos escravos ou agindo em consequência dessa condição, três nomes máximos e três atitudes diferentes surgiram no mundo romano.

No espaço de algumas décadas, os trabalhadores dependentes de certas províncias do Império, os escravos, principalmente os escravos da Itália, ouviram falar sucessivamente nestes três nomes: Espártaco, Epicteto e Jesus Cristo.

Cada um destes nomes, que foram os de dois escravos de Roma e o de um pobre carpinteiro judeu, representou uma atitude, provocada por uma maneira própria de encarar a condição dos escravos, dos oprimidos, dos miseráveis.

Essas atitudes podem definir-se, aproximadamente, em três palavras apenas: a revolta, a resignação, a esperança.

Espártaco, verificando que o número dos escravos era imenso, que os

seus sofrimentos eram infinitos, e que os senhores cruéis que os dominavam eram tão poucos, conspirou com alguns dos seus companheiros de desgraça, procurou armas por toda a parte e lançou por fim o grito de revolta.

O eco da vingança ressoou por todos os montes da Península Itálica, e rios de sangue correram por centenas de «vilas». As legiões de Roma não conseguiram opor resistência à onda dos escravos. Mas, a partir de certa altura, estes, corrompidos, mercê da própria fortuna que os bafejou, começaram a fraquejar na ofensiva e acabaram por cair definitivamente, na luta que tinham desencadeado.

No fim de tanto esforço e de tanto sangue, resultou apenas, depois de umas horas de orgia, a morte do maior número e o maior peso das cadeias daqueles que sobreviveram.

E assim, um nome — Espártaco, e uma atitude — a revolta, tornaram-se

o símbolo dum generoso esforço tomado no desespero.

Epicteto era um escravo grego e era filósofo. Viu a miséria dos escravos, a sua própria miséria, a impotência dos vencidos, a desgraça de todos os que sofrem. Viu os que chegavam quase mortos de longas viagens, remando nas galés e os que cavavam a terra, de bustos sempre curvados, em virtude do aperto das cadeias. Bebeu o vinho dos escravos, misto de água salgada, água doce, vinagre e vinho vulgar. Viu e sofreu violências e maus tratos de toda a espécie. Não pensou, porém, na revolta. Pensou que nem a riqueza, nem a ociosidade, nem o poder fazem os homens felizes. Viu os senhores sofrerem os maiores tormentos morais, viu-os cair no desespero, e, vencidos, cortar as veias dos pulsos, fugindo à vida. E assim entendeu que a revolta era uma atitude louca, produzindo em todos os casos aumento das dores e dos sofrimentos da humanidade. Por isso, achou que só havia uma atitude capaz de minorar o sofrimento. Essa atitude era o desprezo da própria dor, era a resignação, era a aceitação de todos os males sem um queixume sequer. Epicteto desapareceu, a sua filosofia ficou para sempre nos livros, mas em nada se alterou a situação dos escravos.

Jesus Cristo foi tão pobre que não tinha sequer onde pudesse repousar a cabeça. Investido duma missão sobrenatural, fundador da mais sublime de todas as religiões, foi o maior amigo dos humildes, dos pobres, dos oprimidos.

Ele e os seus discípulos reconheceram a existência das injustiças e ensinaram a paciência na esperança: «bemaventurados os pobres, porque

deles é o reino do Céu; bemaventurados os que têm sede de justiça porque eles serão saciados».

Espalhando-se entre os escravos, nomeadamente entre os escravos de Roma, o cristianismo não lhes mentiu porque lhes disse que mereciam que se lhes fizesse justiça. Mas prometia-lhes a justiça do Céu e pregava-lhes a paciência e o respeito pela autoridade, em todos os casos proveniente de Deus, evitando por esta forma a subversão, a vingança, a sangueira. Sendo, porém, uma doutrina de igualdade e de perdão para todos os homens, foi pregada também aos senhores. Falou-se aos escravos na justiça que no Céu lhes seria feita e aos senhores na justiça que aos escravos haviam de fazer na terra.

E como passou a ser totalmente diferente a vida dos escravos cujos senhores acreditaram naquele que morrera como frequentemente os escravos acabaram por crer naquele que morrera como um deles.

Independentemente da acção sobrenatural, a atitude de Jesus foi uma atitude de verdade na apreciação da justiça, de ordem no respeito pelas leis e de reivindicações pacíficas, actuando pela convicção. É de tal modo que, ainda os cristãos eram perseguidos pelos imperadores de Roma e já a legislação acerca dos escravos fora profundamente transformada em benefício destes, por influência da nova doutrina.

Jesus foi crucificado, muitos milhares dos seus discípulos foram lançados às feras, mas os escravos na sua maioria foram libertos e os restantes beneficiados por leis que os protegiam e por costumes novos que os tornaram familiares daqueles que eram antes seus cruéis senhores!

Produção ou distribuição?

Desde há muito, diversas personalidades que julgam ser baixo o nível de vida da população portuguesa, têm produzido declarações manifestando a opinião, de que só um aumento da produção nacional poderá fazer elevar esse nível.

Outros julgam que embora seja sempre de desejar um aumento de produção, bastará no entanto uma melhor distribuição dos valores produzidos para que o nível de vida se eleve de modo flagrante.

Como geralmente acontece, uns e outros têm razão segundo o seu ponto de vista pessoal. E quanto a nós, faremos o possível por insistir em que por um e outro processo, produzindo mais e distribuindo melhor, se consiga o fim em vista. A distribuição não parece melhorar, como seria conveniente e necessário. Urge por conseguinte aumentar a produção, porque a população aumenta em larga escala, porque se criam novas necessidades e porque o nível de vida já era antes bastante baixo. O aumento da produção, dependente de vários factores, não é da mão-de-obra que depende de menor escala. Com o nosso esforço para que melhore a educação moral e profissional dos operários, havemos de contribuir para esse aumento e é por isso que nos permitimos apelar para que, mediante remuneração conveniente, se estimule a maior produtividade do trabalho.

Se é necessário que a produção aumente para se melhorar o nível de vida, é evidentemente necessário reorganizar a actividade das empresas, como é necessário estimular o esforço dos trabalhadores melhorando as condições de remuneração de trabalho e de segurança, de modo que todos sintam gosto e vontade de trabalhar.

O aumento do volume de trabalho que assim se obteria, não se diga que viria a ser socialmente perigoso, causando o desemprego. Tal não aconteceria porque as próprias empresas verificando os lucros maiores que tirariam dum melhor trabalho, ainda que mais satisfatoriamente remunerado, não hesitariam em lançar nos seus negócios novos capitais, empregando dessa forma, produtivamente, o mesmo ou maior número de trabalhadores do que tinham antes.

Não deve espantar ninguém a afirmação de que, num grande número de indústrias e em muitas das mais importantes empresas comerciais, a

produção média obtida por cada operário ou empregado é muitíssimo inferior à que seria possível e normal.

Por isso procuram sempre enganar o patrão trabalhando menos do que podem e menos do que devem.

Que todos, trabalhadores e patrões, façam, pois, o que estiver da sua parte, para que a produção aumente e esperemos que chegarão a todos os benefícios desse aumento que todos reputamos necessário.

PORQUÊ E PARA QUÊ?

«O Trabalhador» tem sido objecto de muitos ataques e de uma série de intrigas sem pés nem cabeça, que, por isso mesmo, não chegam a indignar, mas apenas a entristecer. Para quê?

Somos um País de católicos. Pelo menos 92% dos portugueses afirmaram-se tais no último censo da população.

Ora nós apenas queríamos levar ao conhecimento destes sete milhões e meio de portugueses o que ensina o catolicismo social, e o que pensam os seus irmãos de crença por esse mundo fora sobre os problemas sociais e económicos da actualidade, para que não andem a fazer fraca figura, ignorando-os.

Não temos doutrina nossa. A que expomos é já património comum do catolicismo universal. Apenas queremos acompanhar o progresso das ideias sociais cristãs em todo o mundo, e isto ainda para prestígio desta Pátria em que nascemos e que tanto amamos, pelo menos tanto como aqueles que nos atacam.

Ora uma das conquistas do mo-

derno cristianismo social é esta de realizar na vida prática, tanto económica como política, o evangelho do amor paterno que nos ensina a comportarmo-nos na vida como irmãos, interdependentes, solidários uns dos outros, sem querelas que dividam em vez de unir a todos na obra comum do progresso intelectual, moral, social e económico, quaisquer que sejam os seus ideais.

E outra das modernas conquistas do mesmo cristianismo social é serem os próprios patrões cristãos os primeiros a afirmar que a actual organização da economia não está de acordo com os princípios do Evan-

OPERÁRIOS DE ESMORIZ

Fizemos no dia 24 do passado Fevereiro a nossa primeira visita a Esmoriz donde trouxemos as melhores impressões. Povoação belamente situada frente ao mar beijada pelas águas da formosa Barrinha, é atravessada pela estrada Nacional e pela via férrea do Norte. Está em pleno desenvolvimento industrial e comercial e conta uma classe operária de incontestável valor.

gelho e que é preciso pô-la, quanto antes, em harmonia com eles sob pena de se aniquilar a mesma civilização cristã.

Pensámos que vínhamos prestar um serviço ao País e colaborar no seu progresso. Por isso é que ainda estamos sem compreender a verdadeira razão de tanto ódio atirado às páginas deste jornal.

Custava tão pouco entenderem-se os homens que o quisessem! E era tão útil para a Nação que o quisessem seriamente!

Mas enquanto houver cristãos que atribuam a doutrinas políticas contemporâneas as palavras reveladas com que principia o Evangelho segundo S. João — «No principio era Verbo...» — não admira que os haja a ler o Evangelho segundo Pilatos e que, portanto, entendem estar lá escrito que o mundo se salvará calculando-se os cristãos uns aos outros e odiando-se... por amor de Cristo, e pela defesa da civilização cristã!

Nós teimamos em acreditar no Evangelho tal qual foi escrito antes do ano 70 da nossa era. Será por isso que tanto nos maldizem os que roubam a S. João o início do seu Evangelho, escrito no 1.º século, para encabeçarem um novo «evangelho» segundo Valois e António Sardinha, ou segundo Maquiavel, ou Nietzsche ou Rosemberg?

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O RENASCIMENTO DA COMUNIDADE DE BAIRRO

Continuando a transcrição do artigo de G. Bardet sobre este assunto, vamos hoje ver

e) Como estabelecer o programa de melhoria de bairro?

A) O trabalho de inquérito assenta sobre os chefes de grupo. A sua informação consiste em:

- 1.º O conhecimento pessoal e directo das «ilhas», grupos, blocos ou ruas sob a sua responsabilidade.
- 2.º O conhecimento dos diversos recenseamentos que lhes possam fornecer todas as indicações relativas aos indivíduos, nesta ordem:
 - Nome da rua
 - Número de casa na rua
 - Número de lares por casa
 - Número de indivíduos em cada lar.

— Nome da família, primeiro nome, nacionalidade

- Data e lugar de nascimento
 - Profissão e indicação do patrão.
- Inquéritos discretos por localitários da casa, porteiros, comerciantes, diaristas informações menos precisas mas mais humanas, particularmente sobre a qualidade social (e não o grau social) dos indivíduos: pessoas reservadas, pessoas com relações, crianças barulhentas, mãe fatigada, etc... todas as informações sociais que permitiriam aprender melhor o complexo de cada lar.

3.º O conhecimento dos diversos recenseamentos, que deveriam existir, mas que, na realidade, eles próprios devem estabelecer:

- 1.º da propriedade (cf. cadastro e matrizes cadastrais, se estiverem em dia);
- 2.º dos alugueres, segundo os seus locais;
- 3.º do número e posição das lojas e depósitos;
- 4.º da idade da construção segundo os locais;
- 5.º das necessidades de reparação, demolições, aumentos, das diversas construções públicas e privadas;
- 6.º O Serviço dos trabalhos municipais e sobretudo o urbanista, se existir, poderão fornecer uma parte das informações, em forma de planta.

B) Os chefes de Grupo prestam contas à Comissão Executiva, das necessidades do Bairro, respeitantes a:

- 1.º higiene, luz do sol, serviços de limpeza, esgotos;
- 2.º boa posição das lojas locais;
- 3.º terrenos de jogo insuficientes;
- 4.º tráfego, e como é o bairro servido em relação aos centros e aos bairros vizinhos, segurança dos habitantes;
- 5.º boa e má habitação;
- 6.º ruído, fumos, perturbações diversas.

C) Tendo acumulado as informa-

ções, discutido com os habitantes das suas ilhas respectivas, registado as queixas e as sugestões, os chefes da ilha podem reconhecer:

- o estado dos diversos imóveis do bairro e os remédios a dar-lhe;
- as localizações possíveis dos diversos edifícios comunitários indispensáveis à vida orgânica do bairro.

f) Como esboçar o plano de melhoria do bairro?

A) Arranjar uma planta do bairro, em escala grande.

B) Aprender a lê-la, a dá-la a ler a todos, expô-la na loja, levar o bairro a tomar consciência do seu corpo.

C) Podem-se explicitar as diversas localizações por meio de alfinetes ou «pinais» de cores diversas, cartões cortados, fitas, etc. O que importa é dar um afisionomia viva do bairro no seu estado actual.

D) A Comissão deduzirá daí:

- 1.º os tugúrios a abater;
- 2.º as indústrias nocivas e barulhentas a expulsar;
- 3.º os acrescentamentos de pátios de escolas, sempre omitidos, os terrenos de desportos, de jogos, a prever;
- 4.º o arranjo de um centro cívico, de um dispensário, posto do correio, etc.
- 5.º melhoria das vias comerciais, novas lojas a prever ou redução a prever;
- 6.º as circulações a reservar às crianças, aos peões e ao tráfego local;
- 7.º etc., etc., segundo o que falta para se chegar ao bairro-jardim ideal, dadas as possibilidades topográficas e os bairros vizinhos.

E) A Comissão pôr-se-á então em relações com o Conselho Municipal, para lhe submeter os seus desejos e este pedirá ao urbanista encarregado do plano geral que veja como este esboço se pode integrar no plano de conjunto. Só nessa altura o trabalho de ordem privada executado pela Comissão de Bairro entra na via administrativa oficial.

Quando se entrar na via administrativa oficial, cuja lentidão é bem conhecida, é necessário que o impulso vital que foi dado seja suficientemente potente para que quando a Administração tenha despachado, o espírito de bairro não seja apenas uma recordação.

G. Bardet examina em seguida:

g) Como dar ao bairro a sua autonomia jurídica e financeira? h) A maioridade deve ser merecida.

No próximo número trataremos destes pontos e das possíveis adaptações ao caso português.

NOTICIÁRIO DA SEMANA

DO PAÍS

O Colégio Militar comemorou o 145.º aniversário com várias cerimónias, em que tomaram parte os alunos e algumas entidades oficiais.

— Devem chegar brevemente ao Tejo duas fragatas modernas, com mais de cem metros de comprimento, vindas de Inglaterra, onde foram adquiridas.

— Olhão vai enfim ver satisfeita a sua grande e justa aspiração de um porto de pesca à altura das necessidades, e cujas obras vão começar. A obra medirá 60 mil metros quadrados e compreenderá tudo o que um moderno porto daquela natureza exige.

— Foi constituído o Conselho para apreciar as reclamações sobre as obras de hidrúlica agrícola.

— No próximo mês de Maio realça-se o primeiro Congresso Nacional de Arquitectura, promovido pelo Sindicato dos arquitectos.

— A «venda do capacete» a favor da Liga dos Combatentes realiza-se este ano no dia 9 de Abril.

— Efectuou-se, na Sociedade de Geografia, uma sessão de homenagem ao Infante D. Henrique, no dia do 554.º ano do seu nascimento, que ocorreu, no Porto, no dia 4 de Março de 1394.

— Foram entreteus sete barcos de pesca a motor a outras tantas companhias de marítimos de Viana do Castelo.

Os barcos foram construídos por iniciativa da Casa dos Pescadores daquela cidade e serão pagos pelos marítimos com o produto do pescado.

Desde que a experiência de o resultado que se espera, é possível que em outros pontos do País se faça o mesmo a favor dos pescadores.

— A Câmara Municipal de Lisboa publicou um edital dando o nome de Alvalade ao bairro que está a ser construído ao sul da Avenida Alferes Malheiro.

— Acusados de irregularidades, foram demitidos alguns funcionários dos organismos corporativos.

ARTES E ARTISTAS

UM FILME NO SÃO LUIZ

A sorte bateu-nos quando na noite incerta dos espectáculos nos veio uma bola preta, como este adorável filme «Despertar», onde não se sabe que mais admirar, se o artista completo que é Gregory Peck, se o pequeno Claude Jarman, de expressões encantadoras de boneco de biscuit. Ele ri, chora, grita e vive, como se de facto vivesse livremente naquele pedaço de Mundo, onde a árvore é majestade dominante, e não lhe anexasse no encaixe, comandando e espreitando todos os seus gestos, uma equipa inteira de habilidosos técnicos, com uma teoria de mágicos aparelhos de som e luz surpreendendo toda a gama das suas lindíssimas expressões, para a ofertar às platéias gulosas de sensações e beleza!

«Despertar» é um filme que jamais esquece, pelo trabalho notável dos seus artistas, e entende-se por artistas todos aqueles que deram a sua inteligência e saber a tal obra de arte e ficaram no anonimato.

— Pois se até uma inocente corça vai bem! — ouvimos exclamar.

Mas os quadros notáveis que a sensibilidade artística do realizador nos oferece, e o petiz, ficado gravados na nossa memória e na história do cinema, como uma revelação espantosa do «despertar para a vida» Ele próprio, o pequeno Claude, não é mais do que a personificação total da ideia que presidiu ao filme, verdadeiro poema de luz e cor, que recomendamos às crianças de todas as idades...

Carlos Damais

tra-se à venda na Imprensa Nacional, Rua da Escola Politécnica, ao preço de \$60.

P. — Pago pelo aluguer de um quarto e serventia da cozinha 300\$000 mensais. A dona da casa pretende despedir-me, alegando que precisa da parte da casa para uma pessoa de família. Pode fazê-lo, visto ter eu a minha renda em dia?

R. — O arrendatário não o poderá despedir se o consulente tiver em seu poder os recibos do que lhe paga. A sua posição para com o arrendatário é a mesma que deste para com o senhorio, com os mesmos direitos e deveres.

P. — Como leitor assíduo do vosso jornal peço que me informem onde se pode adquirir o decreto n.º 34.446 de 17 de Março de 1945, sobre refeitórios nas Empresas, e caso se encontrar esgotado, como poderei adquirir o conteúdo do mesmo.

R. — O «Diário do Governo» em que vem o decreto a que o consulente se refere é o n.º 57 da I Série, da data referida na consulta, e encontra-se em todas as livrarias.

R. — O arrendatário não o poderá despedir se o consulente tiver em seu poder os recibos do que lhe paga. A sua posição para com o arrendatário é a mesma que deste para com o senhorio, com os mesmos direitos e deveres.

R. — O arrendatário não o poderá despedir se o consulente tiver em seu poder os recibos do que lhe paga. A sua posição para com o arrendatário é a mesma que deste para com o senhorio, com os mesmos direitos e deveres.

DO ESTRANGEIRO

— No Monte de Caparica vai inauguram-se a água aos domicílios, começando já brevemente, a funcionar um marco fontentário.

Para se avaliar a importância do melhoramento é preciso ter em conta que a água que abastece a aldeia está a 3 quilómetros de distância.

— Lisboa vai ter, dentro em breve, mais autocarros em circulação.

— O governo da Colónia de Cabo Verde foi autorizado a fazer um empréstimo de 50 mil contos na Caixa Geral de Depósitos para obras de utilidade social.

— A Conferência das 16 potências vai reunir-se, em Paris, na próxima segunda e terça-feira. Portugal será representado pelo sr. dr. Caeiro da Mata.

— Os funcionários da Câmara Municipal de Luanda foram autorizados a contraírem empréstimos na sua Caixa de Aposentações até 150 mil angolares cada, destinados à construção de moradias próprias. Aquela quantia é paga em 120 prestações a 5%.

— O estudo para a União Ocidental Europeia, em que estão interessadas a Inglaterra, a França, a Bélgica, a Holanda e o Luxemburgo, compreenderá um acordo de defesa contra a qualquer agressão.

Deve concluir-se rapidamente a «Carta de Bruxelas», para a União Ocidental.

— De Gaulle, no seu discurso em Compiègne, afirmou que os Estados livres da Europa devem formar um agrupamento económico, diplomático e estratégico para impedir a dominação soviética.

— Afirma-se que Eisenhower e Mac Arthur aceitaram a candidatura à presidência dos Estados Unidos.

— Um médico americano descobriu nova fonte de energia atómica: o isótopo de urânio U 233, obtido a partir do torio. A energia atómica no mundo vai elevar-se, por aquele motivo, ao dobro do que se previa.

— A Grã-Bretanha esgotou em 19 meses o empréstimo de três mil e setecentos milhões de dólares, destinados para três ou cinco anos.

— Uma comissão de inquérito da O. N. U. nos Balcãs foi atacada a tiro na Macedónia Oriental. Não houve vítimas.

— Depois dos acontecimentos da Checoslováquia o partido trabalhista inglês intensificou a sua atitude de anti-comunista.

— A imprensa de Marrocos manifesta o desgosto do povo de Tânger pelo pedido de demissão do cargo de administrador do almirante Magalhães Correia.

— A Finlândia respondeu favoravelmente à proposta russa para a conclusão de um pacto de amizade, cooperação e assistência mútua.

— O chefe do governo italiano afirmou que a Itália não quer acabar como a Checoslováquia.

— A Polícia de Marselha descobriu um depósito de 8 toneladas de material de guerra com destino à Palestina.

— Os querrelheiros gregos, que têm raptado elevado número de mulheres, começaram agora a raptar crianças em maior número.

— O jornal «Daily Mail» diz que a ameaça que põe em perigo a Europa não está no exército soviético, mas sim nas quintas colunas.

— Marshall defende que a situação política da França e da Itália exigem imediata votação dos fundos necessários de auxílio à Europa.

— O ex-rei Miguel da Romênia declarou que a abdicação lhe foi imposta pela força, por um governo que não representa a vontade do povo romeno.

— Pouco ou nada é preciso comentar sobre este quadro. Estes nomes e estes números bailam constantemente no espírito de milhares de aficionados, que seguem com febril ansiedade o desenrolar das operações. No entanto, sempre é bom frisar que os «postos» de maior importância são: — o primeiro, por dar o título de Campeão; o último, por implicar a descida automática à II Divisão e o penúltimo por obrigar a um «jogo de competência» com o segundo classificado da Poule Final dessa mesma II Divisão... jogo esse que é sempre um «caso muito sério!»

— Mas continuemos, historiando agora os sucessos da II Divisão — para deduzirmos quais serão, ou poderão ser, os tais 1.º e 2.º classificados, a «subir» automaticamente ao «disputar» a entrada no lote dos «Grandes».

A II Divisão começou por ser disputada entre 32 clubes, divididos em duas zonas (Norte e Sul) e estas subdivididas respectivamente em dois grupos: A e B no Norte, e C e D no Sul, grupos estes que englobavam oito concorrentes cada um.

— Assim, sim... E só agora, porque foi desde domingo passado que os Campeonatos Nacionais de Futebol, nas suas três Divisões regulamentadas, entraram em período de actividade máxima e com os valores penitentes para os clubes concorrentes. Esta referência é motivada em especial pela fase já notável que começou a desenrolar-se no Torneio da III Divisão.

O grande «público», adepto apaixonado do futebol-espectáculo, isto é, antes da abertura da época decorrente, as «bases» em que assentam as competições directamente organizadas ou dirigidas pela Federação Portuguesa. Mas, decerto, também, não assimilar, nem compreender, como era mister, a orgânica das várias provas oficiais — nem muito menos a relação existente entre a I Divisão e a II, e entre esta e a III.

Assim, cremos apropriado fazer balanço às jornadas até agora realizadas — para, estabelecendo os quadros das classificações gerais obtidas, explicar aos leitores a interdependência do lote dos «14 Clubes Grandes» com os «32 de Valia Média» e, finalmente, com os numerosos «Concorrentes Mais Modestos»... que desde domingo se encontram resumidos a dezessais unidades.

Comecemos por apresentar a tabela referente à I Divisão — após os resultados da última ronda, que foi a XVI na sequência das 23 totais; e entre cujos resultados avultaram o triunfo do F. C. do Porto em Olhão, e do Sporting no Campo da Amoreira (aquele obtido com uma vitória numérica raramente consentida na linda vida algarvia, e este a notabilizar-se por ter correspondido à primeira derrota sofrida pelo Estoril no seu próprio campo):

PAGINA DESPORTIVA

COISAS DO FUTEBOL

Por ALBERTO VALENTE

É complicada a engrenagem da inter-dependência das três Divisões dos campeonatos nacionais

Agora, sim... E só agora, porque foi desde domingo passado que os Campeonatos Nacionais de Futebol, nas suas três Divisões regulamentadas, entraram em período de actividade máxima e com os valores penitentes para os clubes concorrentes. Esta referência é motivada em especial pela fase já notável que começou a desenrolar-se no Torneio da III Divisão.

O grande «público», adepto apaixonado do futebol-espectáculo, isto é, antes da abertura da época decorrente, as «bases» em que assentam as competições directamente organizadas ou dirigidas pela Federação Portuguesa. Mas, decerto, também, não assimilar, nem compreender, como era mister, a orgânica das várias provas oficiais — nem muito menos a relação existente entre a I Divisão e a II, e entre esta e a III.

Assim, cremos apropriado fazer balanço às jornadas até agora realizadas — para, estabelecendo os quadros das classificações gerais obtidas, explicar aos leitores a interdependência do lote dos «14 Clubes Grandes» com os «32 de Valia Média» e, finalmente, com os numerosos «Concorrentes Mais Modestos»... que desde domingo se encontram resumidos a dezessais unidades.

Comecemos por apresentar a tabela referente à I Divisão — após os resultados da última ronda, que foi a XVI na sequência das 23 totais; e entre cujos resultados avultaram o triunfo do F. C. do Porto em Olhão, e do Sporting no Campo da Amoreira (aquele obtido com uma vitória numérica raramente consentida na linda vida algarvia, e este a notabilizar-se por ter correspondido à primeira derrota sofrida pelo Estoril no seu próprio campo):

| NORTE — GRUPO A. | | | | |
|------------------|----|----|----|----|
| | J. | V. | E. | D. |
| Famalicao | 14 | 8 | 3 | 19 |
| Leixoes | 14 | 9 | 1 | 4 |
| Vila Real | 14 | 9 | 0 | 5 |
| Oliveirense | 14 | 8 | 0 | 6 |
| Saõjansense | 14 | 5 | 2 | 7 |
| Vianense | 14 | 4 | 7 | 11 |
| Academico (P.) | 14 | 4 | 2 | 8 |
| Salgueiros | 14 | 2 | 3 | 9 |

| NORTE — GRUPO B. | | | | |
|------------------|----|----|----|----|
| | J. | V. | E. | D. |
| Sp. da Covilhã | 14 | 13 | 0 | 1 |
| União (Coimbr.) | 14 | 9 | 1 | 4 |
| Ginásio (Alco.) | 14 | 6 | 3 | 5 |
| S. L. C. Branco | 14 | 5 | 4 | 5 |
| Leões (Santar.) | 14 | 5 | 2 | 7 |
| Naval (F. Foz) | 14 | 5 | 2 | 7 |
| Ferroviário (E.) | 14 | 3 | 3 | 8 |
| S. L. e Viseu | 14 | 2 | 1 | 11 |

| SUL — Grupo C. | | | | |
|-----------------|----|----|----|----|
| | J. | V. | E. | D. |
| Barreirense | 14 | 11 | 1 | 2 |
| Cuf. (Barreiro) | 14 | 8 | 4 | 2 |
| Oriental | 14 | 9 | 2 | 3 |
| 11 Unidos (M.) | 14 | 6 | 2 | 6 |
| Casa Pia | 14 | 4 | 3 | 7 |
| Futebol Benfica | 14 | 2 | 6 | 10 |
| Luso (Barreiro) | 14 | 2 | 3 | 9 |
| Operário | 14 | 2 | 3 | 9 |

| SUL — Grupo D. | | | | |
|-----------------|----|----|----|----|
| | J. | V. | E. | D. |
| Portimonense | 14 | 12 | 1 | 1 |
| Desp. de Beja | 14 | 8 | 3 | 3 |
| Portalegrense | 14 | 8 | 0 | 6 |
| Boa Esperança | 14 | 5 | 3 | 6 |
| Atlético (Mou.) | 14 | 6 | 1 | 7 |
| Campomaiorense | 14 | 5 | 1 | 8 |
| União (Monte) | 14 | 4 | 3 | 7 |
| Lusitano (Evo.) | 14 | 1 | 2 | 11 |

Esta fase inicial da Prova já acabou, tendo sido apurados os seguintes resultados:

| NORTE — GRUPO A. | | | | |
|------------------|----|----|----|----|
| | J. | V. | E. | D. |
| Famalicao | 14 | 8 | 3 | 19 |
| Leixoes | 14 | 9 | 1 | 4 |
| Vila Real | 14 | 9 | 0 | 5 |
| Oliveirense | 14 | 8 | 0 | 6 |
| Saõjansense | 14 | 5 | 2 | 7 |
| Vianense | 14 | 4 | 7 | 11 |
| Academico (P.) | 14 | 4 | 2 | 8 |
| Salgueiros | 14 | 2 | 3 | 9 |

| NORTE — GRUPO B. | | | | |
|------------------|----|----|----|----|
| | J. | V. | E. | D. |
| Sp. da Covilhã | 14 | 13 | 0 | 1 |
| União (Coimbr.) | 14 | 9 | 1 | 4 |
| Ginásio (Alco.) | 14 | 6 | 3 | 5 |
| S. L. C. Branco | 14 | 5 | 4 | 5 |
| Leões (Santar.) | 14 | 5 | 2 | 7 |
| Naval (F. Foz) | 14 | 5 | 2 | 7 |
| Ferroviário (E.) | 14 | 3 | 3 | 8 |
| S. L. e Viseu | 14 | 2 | 1 | 11 |

| SUL — Grupo C. | | | | |
|-----------------|----|----|----|----|
| | J. | V. | E. | D. |
| Barreirense | 14 | 11 | 1 | 2 |
| Cuf. (Barreiro) | 14 | 8 | 4 | 2 |
| Oriental | 14 | 9 | 2 | 3 |
| 11 Unidos (M.) | 14 | 6 | 2 | 6 |
| Casa Pia | 14 | 4 | 3 | 7 |
| Futebol Benfica | 14 | 2 | 6 | 10 |
| Luso (Barreiro) | 14 | 2 | 3 | 9 |
| Operário | 14 | 2 | 3 | 9 |

| SUL — Grupo D. | | | | |
|-----------------|----|----|----|----|
| | J. | V. | E. | D. |
| Portimonense | 14 | 12 | 1 | 1 |
| Desp. de Beja | 14 | 8 | 3 | 3 |
| Portalegrense | 14 | 8 | 0 | 6 |
| Boa Esperança | 14 | 5 | 3 | 6 |
| Atlético (Mou.) | 14 | 6 | 1 | 7 |
| Campomaiorense | 14 | 5 | 1 | 8 |
| União (Monte) | 14 | 4 | 3 | 7 |
| Lusitano (Evo.) | 14 | 1 | 2 | 11 |

Desde já recomendamos aos nossos leitores que fixem os nomes dos últimos classificados em cada um destes Grupos, visto que eles terão de «defender» as suas posições contra determinados adversários da III Divisão, acerca dos quais alardeamos falaremos.

Feitas as adaptações relativas aos quatro Grupos, reuniram-se em duas «Poules de Quatro» (uma no Norte e outra no Sul) os dois primeiros classificados de cada Grupo — «outras» essas a disputar em «duas voltas» e que presentemente se encontram assim dispostas... ao cabo de dois domingos de jogo:

| NORTE | | | | |
|-----------------|----|----|----|----|
| | J. | V. | E. | D. |
| Famalicao | 2 | 2 | 0 | 0 |
| União (Coimbr.) | 2 | 1 | 0 | 1 |
| S. da Covilhã | 2 | 0 | 0 | 2 |
| Leixoes | 2 | 0 | 0 | 2 |

| SUL | | | | |
|-----------------|----|----|----|----|
| | J. | V. | E. | D. |
| Cuf. (Barreiro) | 2 | 2 | 0 | 0 |
| Portimonense | 2 | 1 | 1 | 0 |
| Barreirense | 2 | 0 | 1 | 1 |
| Desp. de Beja | 2 | 0 | 0 | 2 |

Quando terminarem estas duas «Poules» que durarão seis domingos, reunem-se em nova «Poule Final de Quatro», os dois primeiros classificados de cada uma daquelas — Poule Final essa que dará então o Campeão Absoluto (que entrará automaticamente para a I Divisão, «trocando» com o último dos «Grandes») e o Sub-Campeão (que disputará o jogo de homenagem com o penúltimo da I...)

...E assim ficarão as «coisas» arrumadas entre as I e II Divisões, para a próxima temporada de 1948/49!!!...

(Continua na 6.ª página)

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Parabens aos Portugueses

Chamados a dois jogos inter-cidades, os atletas portugueses afirmaram, na última semana, a real categoria do seu Desporto.

No sábado, no Pavilhão dos Desportos, os oquistas norteños empatarem com os representantes da Capital, fazendo alarde de bela exibição que só

APRENDER

SECCAO DIRIGIDA POR CÉSAR

Continuamos a registar hoje as respostas ao concurso de n.º 1 de «O Trabalhador» intitulado «Se tivesse de queimar todos os livros menos um, qual escolherias?»

Vimos, no número anterior duas respostas que consideramos das mais apreciáveis e que foram seleccionadas para a apreciação final do concurso. «Manuel Luso» — A sua resposta tem de ser analisada detidamente. Hesitamos em publicá-la. No próximo número resolveremos.

«Alex. Ranita» — A sua resposta tem certo interesse, por isso a publicamos.

«Não me permitim os meus magros proventos, possuir uma biblioteca tão alta dos meus desejos.

Gosto muito de ler — aproveito todos os momentos disponíveis para isso — e tenho preferência sobre diversos autores, uns nacionais outros estrangeiros.

Se tivesse de queimar todos os livros que possuo, e poucos são, e apenas pudesse ficar com um, o meu primeiro gesto seria pedir ao alhoz que me ditasse tal ordem, que me consentisse, embora por esmola, que ficasse com dois. E isto porque possuo dois livros, dos quais só muito a custo me separaria: um, o Dicionário, é o meu guia cultural; o outro, a Bíblia, é o meu guia espiritual.

Estes dois livros acompanham-me, invariavelmente, em todas as andanças da vida, quer elas sejam por meio espírito de aventura, quer ditadas por necessidades imperiosas de serviço.

Mas se o alhoz, desprezando a minha súplica, me ordenasse: só fica com um... Então, o escolhido, seria a Bíblia. Porque?

Não tenho, no meu modesto vocabulário, expressões para exteriorizar os sentimentos que me levariam a tal. É tão grande o prazer que sinto quando leio a Bíblia, são tão grandes e variados os ensinamentos que nela tenho colhido, que por nada me separaria dela!

«Chico de Lisboa» — Não quisemos estabelecer «confusões», creia. Quisemos, apenas, averiguar quais as preferências dos leitores. Não fique aborrecido pelo facto de ter esquecido muitos dos livros que tem. O esquecimento é o suporte imprescindível daquilo que sabemos.

«Aprender é esquecer», como já ouvimos afirmar. A sua preferência pela biografia de Madame Curie, escrita pela filha Eve, tem razão de ser, dado o valor excepcional da ilustre «inventora» do Rádium.

Cita também a «Exilada» de Pearl Buck, mas isso é batata...

Não sabemos se nas eliminatórias a que procedeu, teria havido livro mais substancial; em todo o caso, os leitores podem ajustar, por si próprios, lendo-as, o valor dos dois livros citados.

Não conhecemos «A Exilada» de Pearl Buck; mas estamos em crer — e com sérios fundamentos — que «Terra Bendita» é mais representativa do talento da escritora.

«M. S. Rego» — O «crime e castigo», de Dostoyevsky tem mais profundidade do que aquela que encontramos a avaliar pela «crítica» que faz. É um livro que nem toda a gente compreende. Daí a dificuldade de uma apreciação justa.

Não percebo porque mandou duas respostas.

«Adeyer-Costeira» — Dúvida que o nosso concurso seja realmente concurso?

Todos os livros são caros, meu amigo, desde que a sua perda, seja sentida.

O seu «reclamo» da Bíblia enferma um pouco de banalidade e outro pouco de ingenuidade.

O meu amigo é injusto para os leitores de «O Trabalhador». Ninguém salvou do incêndio os livros que aponta e que deve queimar imediatamente. Os de Júlio Verne têm o seu interesse, mas também os pode queimar se ainda os não queimou.

«M. C.» — A sua resposta é ortodoxa mas insuficiente. Não desanime e concorra ao concurso de quadras. Você tem facilidade de expressão, ou é enganado meu?

«Ailida» — Os motivos que fundamentam a sua opinião sobre a Bíblia são pouco consistentes. Para outro concurso, será, não é verdade?

«João de Castro» também salvou os «Lusiadas» da fogueira, pois os considera «o padrão literário da nossa nacionalidade».

Está certa a sua preferência mas é insuficiente a «crítica» para o concurso.

Leia as bases, e verá.

Para «Alves» é a Bíblia Sagrada — o livro dos Livros — o preferido. «Todos os géneros de Literatura ali se encontram», diz ele. Mas... a sua resposta é insuficiente.

Resposta ao n.º 7

1) O testamenteiro reunirá os três herdeiros. Em seguida mandará pedir um camelo emprestado que juntará aos 17. E só depois disto começará a repartir. Para o primeirognto 1/2x18=9. Para o segundo 1/3x18=6.

Para o mais novinho 1/9x18=2. Total: 9+6+2=17 que é o legado repartido agora. O camelo emprestado voltará para o dono e os herdeiros não terão direito de protestar contra o testamenteiro que lhes deu mais do que lhes tocava.

2) O grande zigomático é um músculo que interfere na abertura da boca quando uma pessoa se ri. A tal ponto que já alguém definiu «o riso como a contracção do grande zigomático».

3) Podem citar os nomes que quiserem: o que é facto é que a maioria dos leitores esqueceu que a palavra boi, também termina em li... .

4) Acróstico — Composição poética em que a 1.ª letra de cada verso forma uma palavra ou conceito. Vem do grego akros—extremo e stikhos—linha. Muito em voga no período chamado arcádico da nossa literatura.

5) Suami — Espécie de peregrino indiano que pode falar com pessoas de todas as castas.

Como é sabido, na Índia os brâmanes (classe alta) não podem falar com as classes inferiores sob pena de se conspurcarem. Não há intercâmbio entre as castas. Só os suamis é que conseguem manter relações com todas elas.

Palavras Cruzadas

Problema n.º 8
(Enviado por Alex. Ranita)

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 1 | | | | | | | | |
| 2 | | | | | | | | |
| 3 | | | | | | | | |
| 4 | | | | | | | | |
| 5 | | | | | | | | |
| 6 | | | | | | | | |
| 7 | | | | | | | | |
| 8 | | | | | | | | |
| 9 | | | | | | | | |

Hieroglyphos comprimidos

Iniciamos hoje, por sugestão de «In-côgnito» uma secção de hieroglyphos comprimidos.

Hieroglyphos — eram as palavras sagradas dos egípcios e só os sacerdotes as entendiam.

Para que os leitores aprendam a resolver-lhes damos três hieroglyphos, dois dos quais resolvemos:

1) Possui Fruta Remorso

2) S F T A
BOAS F T A

3) M N Z Z Z

Solução:

1) temperador
2) Boas Festas
3) ? (Os leitores que respondam agora).

Se quiser sorrir...

— Com que então o senhor não tem dificuldade em qualquer das seis línguas que fala?

— Não tenho nenhuma. Os estrangeiros é que às vezes são brancos e não me compreendem.

Solução do problema n.º 6

HORIZONTAIS — 1— Maridos. 2— Sacas. 3— If; Mar; Ar. 4— Ca-va; Aire. 5— Ri; Va. 6— Coar; Podá. 7— Ol; Uva; Os. 8— Edite. 9— Exa-rara.

VERTICAIS — 1— Sic; Cor. 2— Farol. 3— As; Via; Ex. 4— Rama; Ruda. 5— Iça; Vir. 6— Dará; Pata. 7— Os; Ivo; Er. 8— Arado. 9— Pré; Aso.

Empresta-me essa vara para eu também dar pulos

Nada! Vaj arranjar uma!

É o que vou fazer

1-25

RESPONDA SE SABE...

(...e se não souber leia um dos próximos números).

1) Para que os burros não zurrem que é preciso fazer-lhes?

2) Qual a temperatura ideal para

LEI 1952

PATRÕES, EMPREGADOS E ASSALARIADOS

Acaba de ser posto à venda com todas as indicações úteis para os patrões, empregados e assalariados, a legislação que regula a concessão de férias; indemnizações em caso de despedimento, garantia do lugar; elaboração de convenções colectivas de trabalho, etc. 1 Op. Esc. 7350

À venda na LIVRARIA MORAIS — 49, Rua da Assunção, 51 e em todas as Livrarias

COISAS DO FUTEBOL

(Continuação da 3.ª página)

Tratemos agora dos «Clubes Mais Modestos», mas que nem por isso são os menos entusiastas e os menos indispensáveis à propagação e à valorização do Futebol Português.

A fase inicial da III Divisão repetiu, praticamente, os campeonatos regionais, para apuramento de vencedores dos núcleos de Braga, Vila Real, Bragaça, Porto, Aveiro, Viseu, Coimbra, Guarda e Castelo Branco (que formam a Zona Norte), e Leiria, Santarém, Lisboa, Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro (que constituem a zona Sul).

Estes «núcleos» foram agrupados em Séries, cujos desfalcos a disputar em «duas mãos», se iniciaram no domingo passado... com repetição, portanto, amanhã nos campos dos clubes visitantes. Vamos dar os resultados conseguidos, mesmo para ordenarmos os concorrentes de forma a perceber-se o «andamento» futuro da competição:

ZONA NORTE — Série 1— Sp. Fafe (Braga), 4—Flaviense (Vila Real), 1. Série 2—Leça (Porto), 1—Espinho (Aveiro), 3.

Série 3— Académico (Viseu), 2. — Marialvas (Coimbra), 2. Série 4— S. L. Guarda, 4— Covilhense (C. Branco), 1.

ZONA SUL — Série 5— Rossionense (Santarém), 2—Torriense (Leiria), 1. Série 7— Requeços (Évora), 3 — Estrela (Portalegre), 1. Série 8— Serpa (Beja), 2 — Desportivo (Faro), 2.

Como vêem, falta aqui a Série 6 correspondente à luta entre Lisboa e Setúbal. O facto explica-se por ter havido atraso no apuramento de representantes lusitânicos, que só no domingo passado ficou sendo conhecido através da vitória do Arroios sobre o Palmense, por 3-2. Só amanhã, por isso, disputará o Arroios a primeira mão da sua eliminatória com o Cova da Piedade (Setúbal), efectuando-se a «segunda mão» no dia do Espanha-Portugal, 21 do corrente, para «acertar o passo» com os restantes competidores, que nessa tarde descansam.

Muito bem. Quando ficarem definitivamente apurados os vencedores das várias Séries, marcar-se-ão encontros (em duas mãos) entre os vencedores da Série 1 com o da Série 2; o da Série 3 com o da Série 4; o da 5 com o da 6; e o da 7 com o da 8, que por sua vez fornecerão dois representantes do Norte e outros dois do Sul.

Evidentemente que todos estaremos de acordo ao chegar à conclusão de que a «engrenagem» destas Provas é ainda muito complicada e confusa — sujeita a várias deficiências de espírito desportivo, motivadas somente pelas más condições financeiras de que se rodeiam ainda as competições portuguesas de futebol.

Quando, no futuro, os encargos de organização, as viagens de combóios ou camionete, o custo de hospedagem e... os impostos e contribuições puderem ser amplamente reduzidos, é mais que certo que as Divisões inferiores serão levadas para os moldes seguintes, justos e desejados.

Até lá, contudo, somos obrigados a servir-nos com a «sprata da casa», numa confusão enorme de orgânica a «tapar furos» de conveniências... mas sem que se evitem erros tremendos — entre os quais o mais evidente e paradoxal é este, em que os leitores já repararam, ou em que podem reparar... voltando a ler as explicações que atrás fizemos: — O Campeão da III Divisão não tem assegurado o direito de ingresso na II, ao passo que outros clubes «vencedores» daquela mesma III Divisão podem alcançar aquele cobiçado desiderat!!!

— Parece impossível... mas é assim mesmo!!!... por enquanto!!!...

ALBERTO VALENTE

Aproveite as férias da Páscoa para conhecer o Minho — o alegre Minho das romarias.

A C. P. e a «Waçons-Lits» dão-lhe informações sobre um lindo «Passeio ao Minho».

Correspondência

«Ailida» — O seu repto ao meu fary (salvo seja!) detectivresco é audacioso. Então supõe que não sei quem é?

— É um dos meus mais assíduos leitores. E é quanto basta!

«Apsa» — Leia um dos números anteriores e já saberá a direcção do nosso prezado LEO. E creia que não é desfeita para mim, interessar-se por ele. Quanto ao problema vou analisá-lo e depois se verá.

Você tem letra excelente.

«Alex. Ranita» — Algumas das suas respostas reflectem precipitação. Em todo o caso verifico progressos, que espero acompanhem de perto o seu interesse.

«Eccle Homo» — Não gosto muito do seu pseudónimo e facilmente advinhará a razão. O seu desenho é muito complicado.

Vou analisá-lo e depois... veremos.

PARA AS DONAS DE CASA

Fermento inglês

Borrões de tinta

Há bolos que podem fermentar ingles para crescerem. Damos aqui uma fórmula caseira do famoso «Baking Powder» — ou fermento em pó — tão eficaz como aquele comprado nas latas e muito mais barato:

Bicarbonato de sódio 150 gr.
Ácido tartárico 100 gr.
Açúcar refinado 50 gr.
Sal refinado 25 gr.

O segredo é que fiquem os ingredientes perfeitamente misturados. Para isso, passar mais que uma vez pelo passador muito fino. Daremos receitas de bolos em que se empregue este fermento. Verão como dá resultado e como os bolos crescem.

Angústia

Figura do LAR

Apertando de encontro ao peito o bibebe que acaba de amamentar, Julieta parte nervosa para o trabalho. Com o passo apressado, ainda vai pensando, pelo caminho, na amargura que lhe contrange o coração.

Abandonar o lar, desprezar os cuidados que ele exige; e ainda mais, confiar o seu Pedrinho, aquela criança de caracóis louros, aos cuidados de uma pessoa a quem não importava aquele lindo bibebe.

E uma lágrima rebelde, rola-lhe pela face já suada de cansaço.

Mas que fazer? — Assim a vida. O José insiste e procura sacrificarse na ansia de conseguir, sozinho, sustentar a casa.

Mas qual? — Impossível.

Nesta desolação entra na fábrica que já está em plena laboração.

Na secção, onde se faz a dobragem da cartolina, Julieta não se distingue das colegas: bata preta apertada até ao cimo, sempre atenta à sua obrigação. Só de quando em quando, um «ai» saindo dum coração de mãe, vai até ao pequenino berço, onde tal vez o seu filhinho chora, sem ninguém que o acarinhe.

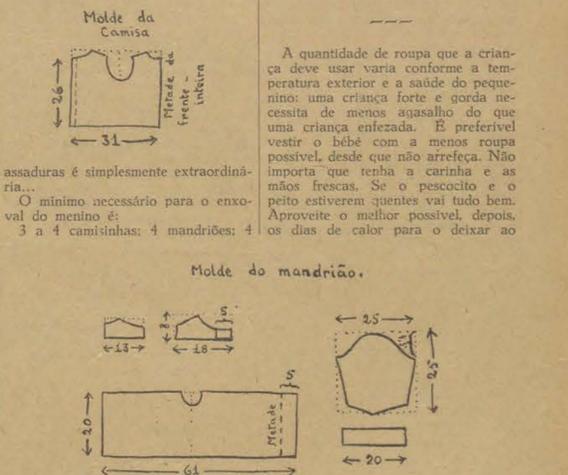
E assim passavam os dias, enquanto Julieta recordava com saudade, o tempo feliz do seu noivado, o tempo em que o José lhe fizera e as esperanças que lhe haviam enchido o coração! Mas... afinal os proble-

PREPARE-SE PARA A CHEGADA DO SEU MENINO

O ENXOVAL DO BÉBÉ

A roupa do bebé deve ser leve e deve permitir a respiração da pele; o que deve é aquecer a criança, e não atafafá-la ou restringir-lhe os movimentos. Deve ser fácil de vestir e tirar, fácil de lavar e engomar e barata, sem luxos. Porque o menino cresce num instante e a roupa fica do mesmo tamanho. Há que ter mais roupa para quando o menino chegar a seis meses quando deixam de aparecer os presentes dos amigos que a felicidade, que nos é necessária, e nos ajuda a viver.

Uma quantidade de fraldas necessárias para ter um menino limpo e sem



ARTE DE FAZER CROCHET

Todas as mulheres devem saber fazer «crochet», ainda que não saibam «tricot».

Aquelas que não conheçam esta arte tão fácil — mãos à obra!

Comprim uma agulha grossa de lã e um novelo de lã grossinha.

Numa ponta de lã fazem uma pequena laçada à mão; segurando com a mão esquerda metem no buraco superior da laçada a ponta da agulha segura na mão direita. Com a barbeta e um novelo de lã grossinha.

Quem sabe fazer um cordão já quase que sabe fazer crochet...

Segredos para poupar o sabão

Já na semana passada revelámos um segredo de poupar sabão muito usado nos países levantados pela guerra, onde o sabão é tão como precioso: a «raça de barrelas» que, amaciando a água, faz render o sabão.

Os antigos usavam a «barrela» propriamente para lavar e desinfetar a roupa. Mas este processo é difícil de usar na cidade onde não é fácil pôr a roupa a corar, depois de passado pela barbeta.

Outras maneiras temos mais práticas, para poupar o sabão: Vejamos:

Antigamente este artigo vinha da fábrica já bem seco e duro. Hoje parece manteiga, quando chega às mãos da dona de casa. Neste estado, o sabão também desaparece como manteiga... Para que ele se gaste menos é preciso deixá-lo secar!

Se se conseguir poupar em cada semana um naco de sabão, que se guarde sobre uma prateleira alta em local seco e arejado, tem-se no fim do mês uns quilos de sabão mais seco para o gasto do mês seguinte... Usando este enxoval seco o que vem da mercearia e continuando sempre a pôr de parte um tainho por semana, consegue-se, ter, no fim de alguns meses, uma pequenina refenda de sabão bem seco — o qual rende bem o dobro do que rende o outro chegado de fresco da fábrica.

Outro processo de poupar sabão é o de não se desperdiçar aqueles bocadinhos tão pequeninos que já não se seguram na mão. Antes de irem pelo ralo abastecido, recolhem-se todos num pote, apartado, para este fim. Numa família numerosa estes bocadinhos de sabão enchem no fim da semana o pote.

couiros de flanela; 2 tiras de crochet de linha ou algodão perlé com que se seguram os cueiros. 1 a 2 ou 3 júzias de fraldas de 60 cm.2 com centro de 22 cm.2 de pano turco. 2 ou 3 casaquinhos de lã, 6 babetes. Sapatinhos de várias medidas. Um chale, grande de lã para embrulhar o bebé é muito útil. A camisa deve ser cortada inteira. Pode fazer-se desde logo em dois tamanhos. Enquanto as camisas estão grandes deve fazer-se ao vestir uma ar vestido apenas com um chambri- nho de algodão e a fralda. Muitas crianças são abafadas demasiado no verão e ficam nervosas e cheias de caprichos e não dormem.

Botinhas podem calçar-se no inverno quando está frio mas dispensam-se no verão. A touca só é necessária onde haja vento.

Nunca se devem usar os vãos, à antiga para tapar o bebé. São recordações de tempos idos, em que se julgava que as crianças não deviam respirar ar fresco e puro.

Ensine o seu menino a ler...

A Mãe poderá ensinar o seu menino de seis meses... a ler!

Será o rosto da Mãe o «livro único» do seu menino. No rosto da Mãe, com toda a sua variedade de expressões, o menino aprenderá a ler e a distinguir tudo o que é bem feito do que é mal feito.

A Mãe sabe o que quer do seu menino (ou, se não sabe, devia saber...) e de cada vez que ele se comporta como ela gosta, o olhar e o sorriso da Mãe dizem-lhe «Assim é bonito!» Quando desaparece do semblante da Mãe o sorriso orato e o olhar afectuoso fica turvado, dando lugar a uma expressão séria e grave, a criança lê: «que feio!»

Também as palavras da Mãe, ainda que a criança não as entenda, têm para ela um sentido.

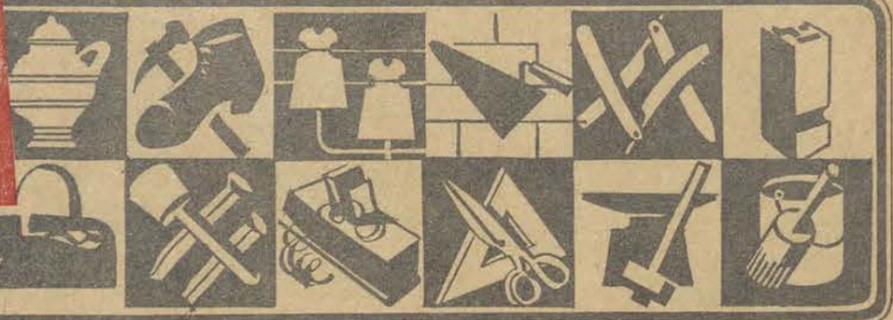
O tom de voz carinhoso ou descontente não se confundem de modo nenhum aos seus pequeninos ouvidos.



Os bocadinhos coleccionados durante uma semana no dito pote deitam-se de véspera numa panela com água a ferver, deixa-se tudo ao lume até o sabão ter derretido completamente junta-se uma colher de amoníaco e deixa-se toda a mistura por cima da fábica.

Outro processo de poupar sabão é o de não se desperdiçar aqueles bocadinhos tão pequeninos que já não se seguram na mão. Antes de irem pelo ralo abastecido, recolhem-se todos num pote, apartado, para este fim. Numa família numerosa estes bocadinhos de sabão enchem no fim da semana o pote.

O tom da voz da Mãe, realça o seu sorriso ou a gravidade do seu rosto e são um precioso auxílio para a criança nesta sua lição de leitura.



O PROBLEMA DAS CRIADAS

A SOLUÇÃO IDEAL

Tudo ali rescende limpeza e calma. Muita luz, um silêncio grande e profundo, que não é sepulchral nem frio como o dos palácios antigos e desabitados. No entanto, é num palácio que nos encontramos, autêntico palácio, de corredores muito compridos, muitas divisões e bastante amplas. Só os móveis é que diferem. Não são «estilo» nenhum, ou por outra, são «estilo» sobriedade e singeleza. Não há luxos descabidos, não há opulência desnecessária para viver; há comodidade, ordem, asseio, arranjo; tudo nesta casa, perdão, neste palácio, surpreende e alicia. Pelas paredes algumas oleografias ou fotografias com molduras simples, povoam o silêncio desta casa que não é casarão e que podendo exibir os pergaminhos dum palácio solaréngio, usa simplesmente o nome de Sede da Obra de Previdência e Formação das Criadas — O. P. F. C.

que entrem em linha de conta a validade ou incitamento de outras ou de «outra» pessoa — são, em geral, raparigas que, por falta de aptidões necessárias são corridas pelas patroas e conhecem num mês muitas caras novas. As agências de colocações são expressivo exemplo do que afirmámos. A elas recorrem as criadas que, por não poderem dar informações de casas anteriores se valem deste processo para se colocarem. Algumas nem o chamado trivial sabem fazer...

Uma obra admirável de previdência

O português, por feito atávico, que se transmite de geração em geração, não é previdente. Esbanja todas as suas economias — na primeira oportunidade, com a maior das despreocupações, sem atender às surpresas desagradáveis que o futuro pode reservar a qualquer.

As criadas não fogem à regra geral: tudo quanto ganham, tudo gastam. Absorvem-lhes as economias ou a vaidade, a ostentação, ou certos vampiros que as rodeiam quando lhes presentem um pecúlio. Os namorados chegam a propor-lhes casamento e levam a sua desfaçatez ao ponto de começarem a tratar dos papéis, a ver casa e a comprar a mobília. Desaparecem quando recebem delas o dinheiro que tanto lhes custou a amealhar.

A Obra das Criadas procura incutir nas suas filiadas o espírito de economia. Para isso abre secretariados de previdência, orientando-as na colocação das suas economias pela forma que lhes possa oferecer maior segurança e rendimento.

Basta dizer que, em relação às associadas de Lisboa, os depósitos elevavam-se a 943 contos, em 31 de Dezembro de 1947. Os depósitos são feitos pelo secretariado de previdência, constituindo como que uma caução, no caso de se registar roubo — o que até hoje ainda não sucedeu. As associadas são obrigadas a depositar todos os meses pelo menos 10 % do ordenado e não poderão senão em casos especiais levantar mais do que 25 % do depósito que tiverem feito.

Outra função dos secretariados de previdência é facultar empréstimos para necessidades urgentes ou no casamento. Há uma Caixa de Previdência mútua que visa a dar subsídios no casamento, no caso de doença, na invalidez ou para o funeral, e também para viagens de urgência ou quaisquer outras necessidades.

Em matéria de assistência

Em matéria de assistência, a Obra das Criadas zela, defende os legítimos direitos das associadas, já directamente, já de mútua colaboração com outras entidades oficiais ou particulares.

Assim, quando se desempregam, os secretariados de colocações promovem a colocação das criadas, com a brevidade e o critério requeridos.

A Obra firma um contrato com as patroas, figurando entre as condições a obrigatoriedade de tratamento no caso de doenças ligeiras; nas doenças de maior gravidade, segundo esse contrato, a patroa, por 12550 diários, pode descarregar sobre a associação todos os encargos do tratamento, qualquer que seja o seu custo. Com efeito, a associação dispõe de dispensários de assistência médica para exame preventivo, consultas e tratamentos e aquisição de medicamentos, análises, radiografias e tratamentos de especialidade. Além do médico privativo, em Lisboa, a Obra das Criadas tem um

contrato com a Junta Geral do Distrito para tratamento das suas associadas.

A Associação nunca perde o contacto com a criada que coloca. Mensalmente a visita uma visitadora ou auxiliar, a qual se informa das condições em que trabalha e até, em alguns casos, exerce a função de árbitro entre a patroa e a criada nos pequenos conflitos que a diferença de feitos e de posições pode provocar.

No caso de precisarem de repouso, mudança de ares, tratamentos de altitude ou à beira-mar, e outros tratamentos específicos, podem as criadas utilizar as diversas casas da Obra. No caso de desemprego temporário, fadiga ou convalescença, têm as associadas gratuitamente cama e mesa, na sede ou em cantinas económicas e abrigos, durante os dez primeiros dias; passados esses dias, podem permanecer, mediante o pagamento da módica quantia de cinco escudos diários.

Obrigações impostas às Associadas

Muito naturalmente, as associadas têm as suas obrigações, a primeira das quais é o bom comportamento moral e profissional. Têm também de constituir um fundo pessoal de economias, correspondente, como acima referimos, a dez por cento do ordenado mensal. Outra obrigação é a quota mensal fixa de cinco escudos para as despesas da organização da Obra e encargos dos seus objectivos assistenciais.

Sendo, como é, uma quota mínima — que em nada se assemelha com a percentagem que auferem as agências de colocação — a Obra das Criadas tem realizado verdadeiros milagres, quer com a assistência às suas filiadas, quer com a compra da sede em Lisboa.

Como se vê, é admirável esta Obra

de Previdência e Formação das Criadas, com um lugar de relevo excepcional no panorama da Previdência em Portugal. O seu valor sobe de cotação se se tiver em consideração que é uma obra particular que teve o seu início há cerca de quinze anos. E de tal forma se desenvolveu, que hoje pode e deve ser apontada como exemplo não só a seguir mas especialmente a respeitar, qualquer que seja a orientação que se dê à regulamentação das criadas em Portugal.

A defesa tanto contra as criadas gatuas como contra as criadas portadoras de quaisquer doenças, especialmente infecciosas, está assegurada pela Obra, dada a sua orgânica. Em troca dessa defesa a Obra tem o direito de impor condições às patroas para que estas não aliem, com facilidade, as criadas que contrairam doenças em serviço.

Terminámos como começámos este inquérito: a regulamentação meramente policial está sujeita a precalços e até ao malogro completo, se não se tiver em conta a valorização profissional e a moralização do ambiente em que vivem e exercem a sua profissão, as criadas.

PERIGO DOS «ATRELADOS»

© Todos os direitos reservados

Os jornais da passada terça-feira davam aos lisboetas a alegre notícia da próxima chegada de mais autocarros encomendados pela Carris para o transporte de passageiros dentro da capital juntamente com a promessa da direcção daquela Companhia de pôr ao serviço do público até 30 do próximo mês de Junho a quase totalidade dos 102 carros por ela encomendados em Inglaterra em 1945.

O problema do trânsito e dos transportes colectivos em Lisboa tem-se agravado como é de todos sabido, desde os primeiros anos da última guerra. E a sua solução torna-se mais

difícil à medida que vai aumentando o número de carros — taxis e particulares — em circulação, por motivo do congestionamento por eles produzido.

Assim continuará até ao momento em que for possível retirar do centro da cidade e das zonas de maior movimento os antiquados e atrelados carros eléctricos.

Determinados percursos são feitos presentemente, em certas alturas do dia, mais rapidamente a pé do que de eléctrico. O que não evita que muita gente continue a servir-se deste na mira, não já de poupar tempo, mas de economizar energias. À hora a que fecha o comércio, chegam a ter dezenas de metros as «bichas» que se formam junto das «paragens» da «Baixa», principalmente. Este estado de coisas prejudica todos e muito especialmente as pessoas idosas e as senhoras, pelas quais o lisboeta apressado e impaciente se julga desobrigado de ter consideração, pelo menos nestes transes. Não é, pois, de estranhar a alegria produzida por aquela promessa.

Mas enquanto não é obtida solução completa e os carros eléctricos tenham de continuar a circular nas zonas de maior movimento — e isto será ainda por um bom largo espaço de tempo — julgamos ser necessária atenção da direcção da Carris para o grave perigo que representa, nas actuais circunstâncias a circulação dos carros «atrelados» e para o estudo de medidas em ordem a evitá-lo. Ainda a semana passada, um desses carros ocasionou a morte duma estudante, e este já não é o primeiro desastre mortal a que eles dão origem. Objectar-se-á que a culpa é dos passageiros que não tomam as devidas precauções. Havemos de reconhecer que, nas actuais condições, não é de admirar a falta de cautela do público. Julgamos que, com um pouco de boa vontade, o risco pode ser eliminado ou pelo menos atenuado em muito. Não vamos propor a supressão de tais carros, porque bem sabemos da falta que eles fariam na circulação.

Não será possível, porém, guarne-

cer resguardo como se faz para os outros? Pomos esta sugestão ao estudo da Carris, certos de que a segurança e o respeito pela vida dos que aproveitam os seus serviços lhe merecerá um pouco de atenção aliada a uma despesa que reputamos insignificante, em comparação com os objectivos a alcançar.

A PROPÓSITO DO ÚLTIMO TEMPORAL

(Continuação da 4.ª página)

Não há casas económicas que cheguem perante a enxurrada de provincianos que descem de aventura à cidade.

O Município com o ritmo de construções novas que é sabido não consegue preparar convenientemente a «casa» para a recepção destes «turistas».

A Polícia Municipal, não tendo, por enquanto, maneira de enfrentar a questão — humanamente impossível de resolver dentro de um período curto — limita-se em mandar transferir as barracas para locais menos perigosos enquanto não pode fazer mudar os respectivos moradores que para tal estão devidamente inscritos.

Quer-nos parecer que não é essa a solução indicada.

A fórmula das colónias — no género da de Martim Rei — era o ideal desde que se intensificasse, por todo o País, normemente no Alentejo, o ritmo da sua instalação.

Impõe-se o regresso à terra para atenuar a gravidade dos problemas que nos afligem.

Como nos parece problema de interesse a ele voltaremos.

RIBA TUA

O TÍTULO MUNDAL DE OQUEI EM PATINS AINDA É PERTENÇA DOS PORTUGUESES

(Continuação da 3.ª página)

pensável atmosfera de simpatia, não por «conveniência moral», mas por imperativo de consciência e de fé.

Desde Cipriano dos Santos a José Correia dos Santos, todos os seleccionados portugueses têm dado bastas provas, quer a jogar pelos seus clubes, quer envergando a camisola das cinco quas, dum valor que não é fácil desmentir, duma capacidade que urge relembrar.

Eles saberão em Montreux chamar a si a honra de bem representar o País, proclamando que a glória do oquei patinado português estava em boas mãos!

Sossequem, pois, os espíritos — mais que não seja porque o Título Mundial de Oquei em Patins é ainda pertença dos Portugueses!

JOSÉ ILHARCO